Esta beleza

Luciano Antonio Carvalho e Ruth Guimarães

Passo 1

*Este poema é simplesmente
um pensamento.
a que não ouse dar forma
nem palavras.*

A) Afirmação carinhosamente irônica.

B) Para brincar com o momento a dois, íntimo. O uso do paradoxo (pois um poema já é uma forma feita de palavras) convida a pessoa com quem divido a intimidade a entrar numa brincadeira de palavras, inspirado na mágica do nosso momento íntimo, o qual quero testemunhar externamente, embora dizendo que isso não se faz. É uma maneira de criar coragem para falar o quão especial é este momento.

*Menos que o pensamento –
sugestão de um instante.*

A) Afirmação para corrigir o que disse antes: um passo atrás.

B) Porque depois de ter dito aquela primeira brincadeira, eu me arrependi um pouco: ter dito me fez perceber que era algo brusco, que eu não devia ter dito. Afinal, a mágica do momento é muito sutil, e diante dessa sutileza, minha fala foi até muito grosseira, apesar da intensão de justamente querer destacar essa mágica sutil (a intenção da ironia era justamente ser grosseira para destacar a sutileza, e eu estava contando com a cumplicidade da pessoa para quem eu disse aquilo, mas depois de ter dito achei que errei um pouco a mão).

Apenas medo de quebrar o encanto.

A) Revelação/confissão.

B) Caso nem a ironia, nem a correção funcionassem para deixar clara a minha intenção de verbalizar a nossa cumplicidade, de inclusive convidar para viver essa cumplicidade de forma explícita, preferi confessar o meu medo de que este momento especial se perca justamente por ter falado nele de algum modo não apropriado, embora fosse esse o meu jeito de poder fazer isso.

*Enquanto é sensível este momento,
silêncio!*

A) Pedido para deixar pra lá e voltar atrás de vez.

B) Para encerrar o blá blá blá, pois é melhor sentir enquanto é possível, do que falar do sentimento ao invés de sentir.

*Temo pensar e atingir
esta beleza
com as ondas sutis do pensamento.*

A) Explicação sussurrada/pequena ironia.

B) Para encerrar com brincadeira e cumplicidade a fala que começou com brincadeira e cumplicidade, falando da sutileza do pensamento como algo grosseiro que pode estragar a sutileza ainda mais sutil da beleza deste momento: a brincadeira é meio que um pedido de perdão (que eu sei que será concedido) e um convite a aceitar a brincadeira (que eu sei que será aceita, pois nós nos conhecemos muito bem), livrando-me assim de ter que continuar falando (porque eu falo muito, mas é hora de calar e ficarmos bem, sem falar).

Obs: cada nova atitude, depois da primeira, é um tipo de recuo ante a primeira fala, mas cada recuo ao mesmo tempo reforça e realça a atitude desta primeira fala, como se os recuos fizessem parte da primeira fala.

Passo 5

Ao invés de um roteiro de intenções, esta canção me parece mais interessante de ser cantada com apenas uma intenção, do começo ao fim. Mas ela pode variar entre uma performance e outra.

Isso também significa que, enquanto estou realizando a performance, eu posso mudar de intenção, se houver algum motivo para isso. O importante é que a gente não se perca durante a performance. É melhor focar em uma coisa só, firmemente, do que deixar a mente vagar solta, pois essa falta de concentração leva a gente a cantar por cantar, meio mecanicamente; a apresentação fica fraca.

Neste caso, penso em manter uma dentre três propostas para o meu público, enquanto canto “Esta Beleza” (as três intenções que estou treinando, separadamente):

Cantar junto.

Sinto que esta opção muda meu modo de cantar de dois modos: buscar um jeito prezeiroso, e portanto convidativo, de cantar; cantar de um jeito claro, para que as pessoas consigam ir comigo. Isso não muda minha interpretação do Passo 1. Na verdade, as atitudes do Passo 1 se transformam em uma pequena “cena”, e ao invés de querer dizer esta cena, o que estou fazendo é “cantar a cena”, de modo que a “letra da música” vira a “cena da música”. Ao convidar mentalmente o público para “cantar junto”, estou convidando a cantar essa cena, justamente.

Deixar-se “abraçar”.

Aqui, proponho uma atitude de “largar-se”, de “receber um abraço”. Mas é uma proposta de atitude para as pessoas do público, não para mim. Eu sou aquele que “leva”, que “dá o abraço”. Assim, meu modo de cantar muda para me ajudar a manter essa proposta. É difícil descrever o que é que muda no canto em si, mas acredito que você teria sua própria versão de como realizar isso.

Dançar improvisadamente na levada da música.

Esta opção é uma das que mais gosto. Ela gera em mim uma atenção especial para o que chamo de “densidade” e de “preenchimento”, ou seja, que cada som que eu faço, os toques no violão, a sustentação da voz e até o sentido do texto se transformem em “espaços” a serem preenchidos pela dança. Preciso fornecer isso tudo na minha performance, para que o público então possa dançar!